

BOLETIM

DE CONJUNTURA INDUSTRIAL

JUNHO 2013





BOLETIM

DE CONJUNTURA INDUSTRIAL

JUNHO 2013

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial – ABDI

Mauro Borges Lemos
Presidente

Maria Luisa Campos Machado Leal
Diretora

Otávio Silva Camargo
Diretor

Cândida Beatriz de Paula Oliveira
Chefe de Gabinete

Rogério Dias de Araújo
Coordenador

Carlos Henrique de Mello Silva
Técnico

Equipe Técnica

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial – ABDI

Rogério Dias de Araújo – *Coordenador Inteligência Competitiva*

Carlos Henrique de Mello Silva – *Técnico*

Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – IE/Unicamp

Fernando Sarti – *Diretor*

Núcleo de Economia Industrial e Tecnologia – NEIT/IE-Unicamp

Fernando Sarti – *Coordenador do Projeto ABDI/NEIT-IE-UNICAMP*

Célio Hiratuka – *Coordenador do Projeto ABDI/NEIT-IE-UNICAMP*

Adriana Marques da Cunha – *Coordenação Executiva*

Beatriz Freire Bertasso – *Coordenação de Informações*

Carolina Baltar – *Pesquisadora*

Fernanda Ultremare – *Pesquisadora*

Lídia Ruppert – *Pesquisadora*

Marcelo Loural – *Pesquisador*

Marco Antonio Martins da Rocha – *Pesquisador*

Vanessa Moraes Lugli – *Pesquisadora*

Camila Ventura – *Apoio administrativo*

Diagramação

Caluh Assessoria e Comunicação

SUMÁRIO

Apresentação	7
1. Desempenho da Economia e da Indústria Brasileira no Primeiro Trimestre de 2013	8
1.1. Comportamento dos Componentes da Oferta e Demanda e da Taxa de Investimento ..	8
1.2. Análise da Produção Física Industrial	11
1.3. Evolução do Emprego Industrial	16
1.4. Comércio Exterior Brasileiro	20
2. Notas acerca dos efeitos das importações sobre a produção industrial brasileira no período recente ...	24
Referências Bibliográficas e Fontes de Informações	30

APRESENTAÇÃO

A Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), entidade vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), foi criada em dezembro de 2004 com a missão de promover a execução da Política Industrial do Brasil, em consonância com as políticas de Comércio Exterior e de Ciência e Tecnologia (Lei 11.080/2004). Seu principal foco encontra-se em programas e projetos estabelecidos pela política industrial brasileira. A Agência também é parte integrante do Grupo Executivo do Plano Brasil Maior, tendo como responsabilidade a articulação e a consolidação de seus programas e ações, bem como seu monitoramento.

Com o intuito de acompanhar a evolução da indústria brasileira, a ABDI desenvolve um conjunto de estudos e pesquisas de inteligência industrial que orienta seu trabalho e auxilia o governo brasileiro na definição e desenvolvimento de ações no âmbito da política industrial. Entre eles, o Boletim de Conjuntura Industrial que disponibiliza informações e análises sobre a evolução da indústria brasileira, destacando as principais dificuldades enfrentadas e as oportunidades de aceleração de seu desenvolvimento. O Boletim de Conjuntura, com periodicidade trimestral, tem sido desenvolvido em parceria com o Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT) do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Na primeira parte do Boletim, destaca-se o modesto crescimento da economia brasileira baseado no desempenho positivo da formação bruta de capital fixo em contexto de reduzido dinamismo do consumo das famílias e do governo no primeiro trimestre de 2013. Mostra-se, também, o reduzido crescimento ou mesmo contração da produção física industrial para a maioria das categorias de uso no primeiro trimestre de 2013, com a exceção da notável expansão da produção

de bens de capital na comparação tanto com o último quanto com o primeiro trimestre de 2012. Nota-se que a análise do comportamento da produção física detalhado por subsetores industriais chega a diferentes resultados dependendo da base de comparação utilizada: o último ou o primeiro trimestre de 2012. Percebe-se que a maioria dos setores industriais brasileiros sofreu contração ou apresentou pequeno crescimento de sua produção física no primeiro trimestre de 2013 frente ao mesmo período de 2012. Mas grande parte deles conseguiu apresentar crescimento mais robusto de produção física no primeiro trimestre de 2013 se comparado ao último trimestre de 2012. Ressalta-se também no documento a criação de emprego industrial no primeiro trimestre de 2013, quase o dobro de vagas geradas no mesmo período de 2012, embora acompanhada de perda de massa salarial. O documento constata que o comércio externo brasileiro foi fortemente influenciado pela significativa queda das exportações acompanhada de crescente pressão das importações no primeiro trimestre de 2013, principalmente quando a base de referência se encontra no mesmo período de 2012.

A segunda parte do Boletim analisa de maneira sintética a influência do aumento das importações sobre a produção física industrial brasileira. Ressalta-se que o impacto do acirramento da competição internacional no período pós-crise foi acentuado pela valorização cambial. No entanto, a partir do início de 2012, a mudança na direção da taxa de câmbio e o próprio arrefecimento da demanda reduziram o efeito negativo da competição das importações sobre a produção industrial doméstica. Ressalta-se que uma reativação da demanda, mais estimulada pela formação bruta de capital fixo e menos pelo consumo, somente resultará em crescimento da produção industrial doméstica caso se rearticule novamente a expansão da demanda com a oferta industrial.

1. Desempenho da Economia e da Indústria Brasileira no Primeiro Trimestre de 2013

1.1. Comportamento dos Componentes da Oferta e Demanda e da Taxa de Investimento

A economia brasileira manteve modesto crescimento no primeiro trimestre de 2013. O Produto Interno Bruto (PIB) a preços de mercado apresentou elevação de 0,6% em relação ao último trimestre de 2012, na série livre de influências sazonais (Tabela 1). Na comparação com o primeiro trimestre de 2012, o aumento foi mais vigoroso (1,9%), confirmando o movimento de aceleração do crescimen-

to do produto brasileiro observado desde o terceiro trimestre (0,9%) passando pelo quarto trimestre (1,4%) de 2012, na série que utiliza como referência os mesmos trimestres dos anos anteriores. Nos 12 meses encerrados em março de 2013, a elevação acumulada atingiu 1,2%, também mostrando relativa aceleração frente ao modesto crescimento do produto brasileiro de 0,9% no acumulado do ano de 2012.

Tabela 1 – Taxa de Variação do PIB por Atividades e por Componentes da Demanda (em %)

	Taxa trimestral contra trimestre imediatamente anterior (*)		Taxa trimestral contra mesmo trimestre do ano anterior		Taxa acumulada nos últimos quatro trimestres	
	IV/2012	I/2013	IV/2012	I/2013	IV/2012	I/2013
Agropecuária	(6,1)	9,7	(7,5)	17,0	(2,3)	3,9
Indústria	0,0	(0,3)	0,1	(1,4)	(0,8)	(1,2)
Extrativa Mineral	-	-	(1,9)	(6,6)	(1,1)	(3,2)
Transformação	-	-	(0,5)	(0,7)	(2,5)	(2,1)
Construção Civil	-	-	(0,2)	(1,3)	1,4	0,3
Eletricidade, gás e água	-	-	4,1	2,6	3,6	3,3
Serviços	0,7	0,5	2,2	1,9	1,7	1,7
PIB a preço básico	0,4	0,7	1,1	1,8	0,8	1,1
PIB a preços de mercado	0,6	0,6	1,4	1,9	0,9	1,2
Despesa de consumo das famílias	1,0	0,1	3,9	2,1	3,1	3,0
Despesa de consumo da administração pública	0,6	0,0	3,1	1,6	3,2	2,8
Formação bruta de capital fixo	1,3	4,6	(4,5)	3,0	(4,0)	(2,8)
Exportação de bens e serviços	6,1	(6,4)	2,1	(5,7)	0,5	(2,3)
Importação de bens e serviços (-)	8,4	6,3	0,4	7,4	0,2	0,6

(*) Com ajuste sazonal. Nota: Os dados incorporam a revisão da série histórica realizada e divulgada pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados analisados nos boletins de conjuntura industrial anteriores. Dados do 1º trimestre de 2013 são preliminares.

Fonte: Sistema de Contas Nacionais (SCN)/IBGE.

Considerando o lado da oferta, mantém-se a dificuldade enfrentada pela indústria brasileira, que se destacou negativamente frente às demais atividades econômicas. A indústria brasileira voltou a encolher no primeiro trimestre de 2013 frente ao último trimestre de 2012 (-0,3%), realizado o ajuste sazonal, depois do crescimento marginal apresentado no terceiro trimestre de 2012 (0,6%) e da estagnação sofrida no último trimestre do ano passado, sempre na comparação com os trimestres imediatamente anteriores, retirando-se os efeitos da sazonalidade.

A indústria brasileira apresentou pior desempenho na comparação com o primeiro trimestre de 2012 (-1,4%). Houve encolhimento generalizado por quase todas as atividades industriais na comparação com o período de janeiro a março de 2012, considerando a redução da indústria extrativa mineral (-6,6%), da construção civil (-1,3%) e da indústria de transformação (-0,7%), com a exceção do crescimento apresentado pela atividade de produção e distribuição de eletricidade, gás e água (2,6%). A análise de dados acumulados também deixou transparecer as dificuldades enfrentadas pelas atividades industriais. No acumulado em 12 meses findos em março de 2013, confirmou-se a contração da indústria brasileira (-1,2%), igualmente observada no acumulado do ano de 2012 (-0,8%), com expressiva contribuição da indústria extrativa (-3,2%) e da indústria de transformação (-2,1%), ofuscando o crescimento da produção e distribuição de eletricidade, gás e água (3,3%) e o modesto aumento da construção civil (0,3%) no mesmo período.

Justificam-se, portanto, a preocupação do governo com o desempenho recente da indústria brasileira e seu contínuo esforço de criação e de renovação dos estímulos à atividade industrial. Esta, por sua vez, tem sido afetada de forma negativa pela dificuldade de recuperação dos mercados externos e pela intensificação da concorrência de produtos importados, em contexto de agressividade dos competidores internacionais. Como será destacado na segunda parte deste Boletim, este efeito tem sido parcialmente compensado pela tendência recente de desvalorização cambial, embora ainda em nível não suficiente para estimular de maneira decisiva a produção doméstica.

Por sua vez, a atividade agropecuária se destacou no primeiro trimestre de 2013. O produto agropecuário apresentou crescimento de 9,7% sobre o último trimestre de 2012, em série dessazonalizada, e 17,0% sobre o primeiro trimestre de 2012, superando todas as taxas de crescimento trimestral da década de 2000 (Tabela 1). Isto significou a importante reversão do encolhimento da agropecuária observado no último trimestre de 2012. No acumulado em quatro trimestres terminados em março de 2013, o produto agropecuário aumentou 3,9%. Para tais resultados, tem contribuído o desempenho positivo das safras agrícolas, principalmente da safra recorde de soja, que foi acompanhada de sustentação de preços elevados (Notícias Agrícolas, 27/05/2013). De acordo com o IBGE, mantém-se a tendência de acréscimo de área plantada e de elevação da produção para as três principais culturas (arroz, milho e soja) na comparação com 2012 (Saraiva, 09/05/2013).

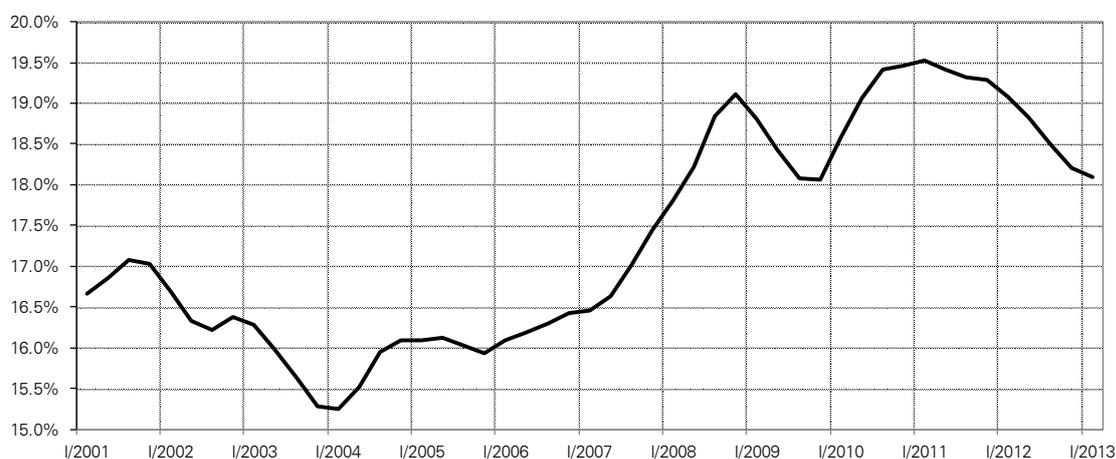
Analisando os componentes da demanda interna, observam-se um desempenho decepcionante do consumo das famílias (0,1%) e a estagnação do consumo da administração pública (0,0%), parcialmente compensados pelo aumento da formação bruta de capital fixo (FBCF) (4,6%), acarretando um modesto crescimento do produto brasileiro (0,6%) no primeiro trimestre de 2013 comparado ao último trimestre de 2012, descontados os efeitos sazonais (Tabela 1). Os dados do primeiro trimestre de 2013 frente aos de igual período de 2012 mostraram elevação do consumo das famílias (2,1%) e do consumo do governo (1,6%), embora em trajetória de desaceleração, e, sobretudo, recuperação dos investimentos (3,0%), o que significou a reversão de seu movimento descendente observado desde o primeiro trimestre de 2012 na série que tem como referência os dados trimestrais de anos anteriores. No acumulado em quatro trimestres terminados em março de 2013, o consumo das famílias e do governo ainda liderou o crescimento do produto brasileiro (respectivamente, 3,0% e 2,8%), enquanto os investimentos mantiveram um comportamento contracionista (-2,8%). Contudo, o consumo sofreu um processo de desaceleração ao passo que os investimentos apresentaram suavização de sua

trajetória descendente. Os dados mais recentes, portanto, parecem indicar um esgotamento do impulso dado pelo consumo para o crescimento da economia brasileira, e uma tendência, que ainda não pode ser interpretada como permanente, de maior participação dos investimentos.

A evolução da FBCF e da taxa de investimento brasileira (FBCF/PIB) foi analisada no Boletim de Conjuntura Industrial de Dezembro de 2012 a partir do início dos anos 2000. Descreveu-se a recuperação da taxa de investimento brasileira durante cinco trimestres consecutivos localizados no período pós-crise e destacou-se sua

contração de forma ininterrupta a partir do segundo trimestre de 2011. O documento esclareceu que a média móvel em doze meses da taxa de investimento manteve-se positiva e crescente desde o primeiro trimestre de 2010 até o primeiro trimestre de 2011, quando alcançou seu auge (19,5%), passando, contudo, a apresentar um movimento descendente a partir do segundo trimestre de 2011. Dados do primeiro trimestre de 2013 confirmaram a trajetória contracionista da média móvel em doze meses da taxa de investimento brasileira, que alcançou 18,1% no último trimestre analisado (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Taxa de Investimento Brasileira
(I/2001 a I/2013)
(média móvel em doze meses – em %)



Fonte: Elaboração NEIT-IE-UNICAMP com base em Contas Nacionais Trimestrais/IBGE.

Uma das principais preocupações do governo brasileiro tem sido o comportamento da taxa de investimento, pois sua evolução é considerada fundamental para a retomada de um crescimento mais robusto da economia brasileira. Como mencionado nos Boletins de Conjuntura Industrial de Setembro e de Dezembro de 2012, políticas e medidas governamentais têm sido frequentemente prorrogadas e renovadas objetivando a criação de um ambiente de estímulo ao consumo e ao investimento¹. Encontram-se, nesse contexto, a aceleração de projetos de investimentos públicos em infraestrutura e os leilões de concessão de rodovias e aeroportos à iniciativa privada, assim como os esforços para a aprovação da Medida Pro-

visória dos Portos, com importante efeito esperado sobre o ritmo de retomada dos investimentos. Os dados recentes indicam uma recuperação do investimento, mas ainda é necessário aguardar os resultados dos próximos meses para verificar a sustentabilidade deste movimento.

Dando continuidade à análise dos componentes da demanda interna, observou-se importante crescimento das importações brasileiras de bens e serviços no primeiro trimestre de 2013 comparado tanto ao último trimestre de 2013 (6,3%), em série dessazonalizada, quanto ao primeiro trimestre de 2012 (7,4%) (Tabela 1). No acumulado em 12 meses findos em março de 2013, a elevação das importações não foi tão vigorosa (0,6%), principalmente quando comparada ao significativo crescimento apresentado em 2011 (9,7% – SCN/

1. Para uma lista mais detalhada de medidas, consultar os Boletins de Conjuntura Industrial de Setembro e de Dezembro de 2012.

IBGE). Contudo, houve ligeira aceleração na comparação com os dados acumulados em 2012 (0,2%). O comportamento mais recente das importações deixa transparecer, portanto, a pressão negativa sobre a produção e a balança comercial brasileira, ponto que será discutido mais detalhadamente na segunda parte deste documento.

Por sua vez, as exportações, que refletem o comportamento da demanda externa, voltaram a apresentar contração no primeiro trimestre de 2013 frente ao quarto trimestre de 2012 (-6,4%, com ajuste sazonal), depois da importante elevação marginal no quarto frente ao terceiro trimestre de 2012 (6,1%, com ajuste sazonal) (Tabela 1). Restabeleceu-se uma trajetória descendente e preocupante das exportações, que vem alternando momentos de crescimento reduzido com contração marginal desde o segundo trimestre de 2010 (SCN/IBGE). As exportações também voltaram a encolher no primeiro trimestre de 2013 frente a igual período de 2012 (-5,7%), depois de terem apresentado certa recuperação no quarto

trimestre de 2012 comparado ao mesmo trimestre de 2011 (2,1%) (Tabela 1). A taxa acumulada nos últimos quatro trimestres terminados em março de 2013 acabou igualmente revelando o movimento contractionista das exportações brasileiras (-2,3% – Tabela 1), fato que não havia sido observado há três anos, desde o primeiro trimestre de 2010 (SCN/IBGE).

Tal desempenho descendente das exportações brasileiras combinou-se ao comportamento ascendente das importações resultando em uma contribuição bastante negativa do setor externo ao produto interno brasileiro no primeiro trimestre do ano. Considerando o cenário internacional ainda turbulento, com pequeno crescimento das economias centrais e menor expansão prevista para as economias emergentes, a retomada da economia brasileira depende fundamentalmente da recuperação da demanda interna. No futuro próximo, a demanda interna parece estar muito mais atrelada aos movimentos da formação bruta de capital fixo do que ao crescimento do consumo das famílias.

1.2. Análise da Produção Física Industrial

O comportamento da indústria brasileira no primeiro trimestre de 2013 pode ser detalhado com base na análise dos dados da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE). Observou-se modesta expansão da produção física da indústria geral (0,8%) liderada pelo crescimento da indústria de transformação (1,5%) considerando o desempenho bastante negativo da indústria extrativa (-7,3%) no primeiro trimestre de 2013 em relação ao quarto trimestre de 2012, em série dessazonalizada (Tabela 2). Para a indústria de transformação e, conseqüentemente, a indústria geral, houve reversão da contração marginal que havia sido observada no quarto frente ao terceiro trimestre de 2012, com ajuste sazonal. No caso específico da indústria extrativa, notou-se uma preocupante reversão do comportamento positivo apresentado no trimestre anterior, contribuindo para reduzir o crescimento da produção industrial brasileira.

Na comparação do primeiro trimestre de 2013 com o mesmo trimestre de

2012, houve retração da produção física industrial (-0,5%), relacionada à contração observada na indústria de transformação (-0,2%), mas principalmente à queda da produção física da indústria extrativa (-4,9%) no mesmo período (Tabela 2). Há que destacar a suavização do encolhimento da produção da indústria de transformação desde o terceiro trimestre de 2012 quando a base de comparação se encontra em anos anteriores. Este dado alentador já havia sido mencionado no Boletim de Conjuntura Industrial de Dezembro de 2012. A principal diferença observada no primeiro trimestre do ano corrente é que o comportamento descendente da produção da indústria de transformação foi menos intenso do que o da produção industrial brasileira em geral, conseguindo, inclusive, reduzir o impacto negativo da queda da produção extrativa.

No acumulado em doze meses terminados em março de 2013, por sua vez, verificou-se também o encolhimento da produção física industrial (-2,0%), resultado da combinação da queda da

produção da indústria de transformação (-2,0%) e da produção extrativa (-1,5%) (Tabela 2). Este desempenho negativo confirma o movimento de contração da produção física da indústria brasileira que vem sendo observado desde o primeiro trimestre de 2012, com base na evolução das taxas de variação acumulada em doze meses, calculadas ao final de cada trimestre do ano. Contudo, pode-se notar a suavização recente do movimento contracionista da produção industrial brasileira, dando alento aos que vislumbram a possibilidade de

reversão, em futuro próximo, desta trajetória.

Em suma, a produção da indústria brasileira apresentou um desempenho mais satisfatório no primeiro trimestre do ano corrente especialmente quando comparado ao último trimestre do ano passado, com ajuste sazonal, pois a análise realizada com base na comparação com o primeiro trimestre do ano passado ou considerando dados acumulados em 12 meses revelou um comportamento persistentemente negativo, embora com menor intensidade.

Tabela 2 – Taxa de Variação da Produção Industrial Brasileira (II/2012 a I/2013) (em %)

Atividades	II 2012	III 2012	IV 2012	I 2013
Taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)				
Indústria Geral	(0,8)	1,2	(0,1)	0,8
Indústria Extrativa	1,8	(2,1)	3,4	(7,3)
Indústria de Transformação	(1,1)	1,4	(0,1)	1,5
Taxa de variação trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior				
Indústria Geral	(4,4)	(2,4)	(0,4)	(0,5)
Indústria Extrativa	0,3	(2,1)	0,5	(4,9)
Indústria de Transformação	(4,7)	(2,4)	(0,5)	(0,2)
Taxa de variação acumulada nos últimos quatro trimestres				
Indústria Geral	(2,3)	(2,9)	(2,6)	(2,0)
Indústria Extrativa	0,7	0,1	(0,4)	(1,5)
Indústria de Transformação	(2,5)	(3,1)	(2,7)	(2,0)

Nota: Os dados incorporam a eventual revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores.

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.

A comparação dos últimos dados disponíveis referentes ao mês de abril com os do mês de março de 2013, realizado o ajuste sazonal, mostrou aumento da produção física da indústria geral (1,8%), associado à elevação da produção da indústria de transformação (1,7%) e, em menor medida, da extrativa (0,3%) (PIM-PF/IBGE). Cabe destacar que a produção física da indústria geral e da indústria de transformação apresentou, ademais, uma surpreendente recuperação em abril de 2013 frente a abril de 2012 (8,4% e 9,4%, respectivamente), não acompanhada pela indústria extrativa, que amargou nova queda em abril (-8,3%), repetindo o comportamento de fevereiro e março de 2013 comparados a iguais meses

de 2012 (PIM-PF/IBGE). Portanto, ao se confirmarem as últimas taxas disponíveis de variação mensal da produção física da indústria brasileira, pode-se vislumbrar um caminho relativamente mais promissor para a produção industrial no próximo trimestre.

Observando o desempenho da produção física industrial brasileira por categorias de uso, destacou-se o comportamento positivo da produção dos bens de capital frente a dos bens intermediários e de consumo no primeiro trimestre de 2013.

Houve expressiva elevação da produção de bens de capital no primeiro trimestre do ano com relação ao último trimestre de 2012, realizando o ajuste sazonal (9,1%) (Tabela 3). Esse comportamento da pro-

dução física dos bens de capital refletiu a elevação da formação bruta de capital fixo no mesmo período. A produção dos bens de capital apresentou expansão ainda mais acentuada no primeiro trimestre de 2013 comparado ao mesmo trimestre de 2012 (9,8%), com expressiva contribuição do aumento da produção de caminhões e ônibus (44,8% – PIM-PF/IBGE, dados por subsetores industriais). Essas taxas de crescimento trimestral foram somente superadas pelas observadas nos três primeiros trimestres de 2010, quando os investimentos também apresentaram intensa recuperação pós-crise internacional. Tal comportamento da produção de bens de capital no primeiro trimestre do ano significou uma importante reversão de cinco trimestres seguidos de encolhimento observado desde o último quarto de 2011

na série de dados comparados aos anos anteriores. Para tal movimento expansionista do primeiro trimestre de 2013, contribuíram as expressivas elevações mensais observadas em janeiro (17,9%) e fevereiro (9,0%) do ano corrente frente aos mesmos meses do ano passado. Como mencionado no Boletim de Conjuntura Industrial de Dezembro de 2012, o crescimento de janeiro de 2013 foi liderado pela extraordinária expansão da produção de caminhões e ônibus (207,6% – PIM-PF/IBGE, dados por subsetores industriais) com relação ao mês de janeiro de 2012, quando as vendas mantiveram-se paralisadas por conta da entrada em vigor de novas normas técnicas, levando à antecipação das compras para 2011, pois os novos veículos, mais eficientes e menos poluentes, eram também mais caros.

Tabela 3 – Taxa de Variação da Produção Industrial por Categorias de Uso (II/2012 a I/2013) (em %)

Categorias de uso	II 2012	III 2012	IV 2012	I 2013
Taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)				
Bens de capital	2,9	1,5	0,0	9,1
Bens intermediários	(0,8)	1,3	(0,1)	0,4
Bens de consumo duráveis	1,2	4,8	(0,4)	(1,8)
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	(2,4)	1,3	0,4	(1,1)
Taxa de variação trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior				
Bens de capital	(11,7)	(12,2)	(9,9)	9,8
Bens intermediários	(3,3)	(1,3)	(0,2)	(0,8)
Bens de consumo duráveis	(7,0)	0,0	5,5	1,0
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	(1,6)	(0,9)	1,3	(3,9)
Taxa de variação acumulada nos últimos quatro trimestres				
Bens de capital	(5,6)	(9,7)	(11,8)	(6,7)
Bens intermediários	(1,5)	(1,7)	(1,6)	(1,4)
Bens de consumo duráveis	(7,5)	(7,0)	(3,4)	(0,3)
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	(0,3)	(0,6)	0,0	(1,2)

Nota: Os dados incorporam a eventual revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores.
Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.

A significativa elevação da produção de bens de capital no primeiro trimestre de 2013 não foi suficiente para reverter a trajetória contracionista observada na série de dados acumulados em 12 meses (Tabela 3). Manteve-se a contração da produção física de bens de capital no acumulado em

quatro trimestres terminados em março de 2013 (-6,7%), mesmo que de forma mais suave, certamente vinculada à manutenção da retração dos investimentos no mesmo período. Os investimentos têm apresentado dificuldades de aceleração mesmo com os recorrentes estímulos concedidos pelo

governo brasileiro, como linhas de crédito a juros mais baixos, lançando dúvidas quanto ao futuro da produção brasileira de bens de capital, que se encontra dependente da capacidade de resposta dos investimentos e da produção industrial doméstica ao tratamento especial recebido do governo, em cenário de baixo dinamismo da economia internacional. A sustentação da recuperação dos investimentos poderá se transformar em importante estímulo à produção de bens de capital ajudando a finalmente reverter o movimento descendente observado na série de dados acumulados desde o primeiro trimestre de 2012.

O crescimento da produção física de bens de capital pode ser confirmado no mês de abril de 2013, segundo dados recentes divulgados pelo IBGE: crescimento de 3,2% frente a março de 2013, em série dessazonalizada, e de 24,4% comparado a abril de 2012 (PIM-PF/IBGE). Este relevante crescimento mensal da produção de bens de capital somente foi superado em alguns meses de 2010, na fase de recuperação da produção industrial brasileira no pós-crise. A produção de bens de capital para transporte liderou a expansão da produção dessa categoria de uso no mês de abril de 2013 (34,0% sobre abril de 2012), mas quase todos os bens de capital apresentaram elevação de produção no mesmo período, com a exceção dos bens de capital para fins industriais não-seriados. Somente a produção de caminhões e ônibus aumentou 50,6% sobre abril do ano passado. Dados recentes, portanto, mostram um cenário mais promissor para a produção física de bens de capital.

No que se refere à produção física de bens de consumo duráveis, observou-se preocupante intensificação de seu encolhimento na comparação do primeiro trimestre de 2013 com o quarto trimestre de 2012 (-1,8%, com ajuste sazonal), deixando para trás o crescimento, mesmo que localizado, apresentado no terceiro em relação ao segundo trimestre de 2012 (4,8%, com ajuste sazonal) (Tabela 3). Houve crescimento da produção de bens duráveis, embora bastante tímido, no primeiro trimestre de 2013 face ao mesmo período de 2012 (1,0%), mostrando evidente desaceleração se comparado ao crescimento que havia sido observado no quarto trimestre de 2012

(5,5%). O desempenho da produção de bens duráveis poderia ter sido pior não fosse pela expansão da produção física de veículos automotores para passageiros (5,5%) no primeiro trimestre de 2013 comparado a igual período de 2012 (PIM-PF/IBGE). Persistiu, contudo, a retração da produção de duráveis na evolução das variações acumuladas em doze meses, mesmo que de forma mais suave (Tabela 3). Dados acumulados até março de 2013 mostraram ligeira contração da produção física de bens duráveis (-0,3%), apesar do desempenho positivo da produção de veículos automotores para passageiros (5,4%).

Parece que a prorrogação das desonerações do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para automóveis até julho de 2013, mesmo que com descontos gradativamente menores ao longo do primeiro semestre do ano, além do aumento do IPI sobre carros importados de fora do México e do Mercosul, têm contribuído para estimular sua produção doméstica e, em decorrência, seu efeito favorável sobre a produção de bens duráveis como um todo. Os estímulos às compras/vendas de automóveis podem acarretar efeitos positivos diretos sobre a produção doméstica se não houver tão somente um movimento de queima de estoques acumulados.

Segundo dados divulgados recentemente pelo IBGE, houve crescimento da produção física de bens de consumo duráveis em abril de 2013 comparado tanto a março de 2013 (1,1%, com ajuste sazonal) quanto a abril de 2012 (14,9%). Para tal desempenho, contribuiu o crescimento da produção física de veículos automotores em abril sobre março de 2013 (8,2%, com ajuste sazonal) e sobre abril de 2012 (23,9%) (PIM-PF/IBGE). Também houve aumento de vendas de automóveis e comerciais leves em abril assim como em maio de 2013 comparados aos mesmos meses de 2012 (respectivamente, 29,4% e 9,6% – FENABRAVE). Os automóveis e comerciais leves têm atingido níveis historicamente elevados de vendas mensais, o que pode seguir estimulando sua produção. Os dados mais recentes dão sinais de recuperação das vendas e da produção de veículos, afetando de forma positiva o desempenho da produção de bens de consumo duráveis.

A perda de dinamismo da demanda in-

terna e as dificuldades enfrentadas pela demanda externa por insumos básicos e produtos primários, as quais se encontram estreitamente relacionadas ao incerto cenário econômico internacional, têm afetado a produção física de bens intermediários. Cotejando dados do primeiro trimestre de 2013 com os do quarto trimestre de 2012, em série livre de influências sazonais, observou-se que a produção física de bens intermediários apresentou tímido crescimento (0,4%) (Tabela 3). Tal desempenho marginal confirma a dificuldade de deslançar um crescimento mais robusto e sustentado da produção de bens intermediários, que alterna períodos de baixo crescimento com períodos de contração (considerando a comparação com trimestres imediatamente anteriores). As dificuldades da produção brasileira de bens intermediários também transpareceram na queda verificada no primeiro trimestre de 2013 frente ao mesmo período de 2012 (-0,8%). A persistência do movimento contracionista da produção de bens intermediários também pode ser observada na evolução das variações acumuladas em quatro trimestres. Os últimos dados disponíveis referentes ao mês de abril de 2013 mostraram modesto crescimento da produção física de bens intermediários com relação a março de 2013 (0,4%, com ajuste sazonal), porém uma expansão mais robusta na comparação com abril de 2012 (5,0%), renovando a confiança na recuperação dessa categoria de uso ao longo dos próximos meses de 2013.

A produção de bens de consumo semiduráveis e não duráveis, mais dependente do comportamento da renda e do consumo interno, seguiu o movimento negativo da produção de bens de consumo duráveis no primeiro trimestre de 2013 comparado ao último trimestre de 2012, em série dessazonalizada (-1,1%,). O desempenho da produção dos bens de consumo semiduráveis e não duráveis foi ainda pior no primeiro trimestre do ano corrente comparado a igual período do ano passado (-3,9%). Em ambos os casos, houve reversão de seu comportamento positivo apresentado no final de 2012. Os dados acumulados em 12 meses terminados em março de 2013 também revelaram o movimento contracionista da produção dos

bens citados (-1,2%) (Tabela 3). O comportamento recente da produção dessa categoria de uso pode estar refletindo o esgotamento do consumo interno como vetor de sustentação do crescimento econômico. Cabe destacar, ademais, que alguns setores considerados nessa categoria de uso têm sofrido mais diretamente os efeitos da concorrência de produtos importados.

Portanto, a análise da produção física por categorias de uso no primeiro trimestre de 2013 destacou positivamente o comportamento da produção de bens de capital, em contexto doméstico de ampliação da formação bruta de capital fixo, mostrando, por outro lado, a contração ou o modesto crescimento da produção das demais categorias de uso, que provavelmente sentiram de forma mais intensa os níveis reduzidos de crescimento do gasto das famílias e do consumo do governo. Isto acompanha o esgotamento do modelo de crescimento calcado no consumo e a importância da sustentação da recuperação dos investimentos e da aceleração da atividade econômica brasileira em ambiente de incerteza quanto ao futuro dos principais centros produtores e consumidores mundiais e de intensificação da concorrência internacional, que geram, dentre outros efeitos, uma elevada disputa entre produtos importados e nacionais pelo mercado interno, afetando de maneira preocupante o comportamento da produção doméstica. A atenção do governo e de diversas instituições ligadas à indústria brasileira tem sido, portanto, justificada pela falta de dinamismo da produção industrial e pela desconfiança de transbordamento da demanda doméstica para a produção externa, incentivando a adoção de medidas diversas orientadas ao estímulo à produção industrial brasileira.

Para detalhar ainda mais a análise da produção física industrial brasileira, cabe observar seu comportamento por atividade industrial com base na pesquisa do IBGE. Constatou-se que a maioria dos setores analisados pela pesquisa (17 dos 27 setores) apresentou retração de produção no primeiro trimestre de 2013 em relação ao mesmo período de 2012 (PIM-PF/IBGE). Dentre eles, doze (12) setores intensificaram a contração observada em trimestres

precedentes. Dois (2) deles apresentaram expressiva redução de produção no período analisado: fumo (-23,3%) e o setor de edição, impressão e reprodução de gravações (-10,2%). Os demais setores da pesquisa (10 dos 27 setores) lograram apresentar incremento de produção física no mesmo período. Dentre eles, três (3) mostraram modesto crescimento (entre 0,2% e 0,8%) e a maioria (7) conseguiu atingir uma expansão mais robusta (acima de 2,5%). O destaque ficou com o setor de veículos automotores (12,7%), que, inclusive, reverteu uma preocupante trajetória de encolhimento de sua produção que persistia desde o quarto trimestre de 2011, considerando como referência os dados trimestrais de anos anteriores. Portanto, a maioria dos setores industriais brasileiros sofreu contração ou apresentou pequeno crescimento de sua produção física no primeiro trimestre de 2013 frente ao mesmo período de 2012. Muitos deles, inclusive, intensificaram a perda de produção física no período analisado, emitindo um importante sinal de alerta para o governo e instituições representativas do setor industrial.

Analisando o desempenho da produção física por setores industriais no primeiro trimestre de 2013 frente ao quarto trimestre de 2012, em série livre de influências sazonais, pode-se constatar uma situação ligeiramente diferente, pois houve expansão de produção em dezesseis (16) setores da pesquisa do IBGE. Um crescimento mais relevante (acima de 2%) foi observado em onze (11) setores (PIM-PF/IBGE). Os que se destacaram foram o setor de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (9,4%); o setor

de mobiliário (9,1%); o setor de calçados e artigos de couro (8,9%) e o setor de máquinas para escritório e equipamentos de informática (8,4%). Todos conseguiram reverter a contração de produção física sofrida no quarto comparado ao terceiro trimestre de 2012. Outros cinco (5) setores da pesquisa apresentaram aumentos de produção pouco significativos (entre 0,2% e 1,1%). Os demais setores industriais (11 setores) sofreram encolhimento ou estagnação de sua produção física no período analisado. Houve expressiva retração da produção física no setor de fumo (-36,3%); no setor extrativo (-7,3%); e no setor farmacêutico (-4,9%). Desses setores, somente a indústria extrativa interrompeu o movimento de expansão da produção observado no trimestre anterior. Nos demais oito (8) setores com desempenho negativo, ou a redução experimentada não foi expressiva (entre -0,2% e -1,6%) ou houve estagnação com relação ao trimestre imediatamente anterior. Em outras palavras, a maioria dos setores industriais brasileiros conseguiu apresentar crescimento de produção física no primeiro trimestre de 2013 se comparado ao último trimestre de 2012. E, ainda, para a maior parte daqueles setores que sofreram contração de produção, não houve quedas relevantes. Portanto, a análise do comportamento da produção física detalhada por subsetores industriais mostra que a trajetória de recuperação do conjunto da indústria ainda é bastante frágil, revelando-se em desempenhos diferenciados dos vários setores, com resultados divergentes dependendo da base de comparação utilizada: o último ou o primeiro trimestre do ano passado.

1.3. Evolução do Emprego Industrial

Os resultados da geração de empregos formais na indústria brasileira no primeiro trimestre de 2013 foram melhores do que os do mesmo período de 2012. De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE), houve uma geração líquida de 100.352 postos de trabalho entre janeiro e março de 2013, praticamente o dobro de vagas criadas no mesmo período do ano passado (pouco menos de 54 mil vagas) (Tabela 4). Comparando-se

com igual período dos anos anteriores (2010 e 2011), porém, nota-se que houve piora em termos da geração de empregos industriais no primeiro trimestre de 2013. Apesar de não ser um resultado tão positivo se comparado a 2010 e 2011, o aumento de quase 100% em relação a 2012 pode indicar uma tendência de crescimento do emprego industrial ao longo do ano corrente acima dos valores apresentados em 2012, que se mostraram bastante modestos.

Tabela 4 – Criação de Vagas e Massa Salarial das Contratações Líquidas na Indústria Brasileira (I/2010 a I/2013)

Ano	Criação de Vagas					Massa de Salários de Contratações Líquidas (em R\$ mil de dez/10*)				
	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	Total	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.	Total
2010	199.187	186.139	203.873	(111.408)	477.791	104.290	76.794	92.038	(147.372)	125.750
2011	127.798	117.211	128.704	(188.217)	185.496	46.400	41.794	26.054	(228.229)	(113.981)
2012	53.742	62.892	110.499	(182.320)	44.813	(28.420)	(22.893)	(15.274)	(247.823)	(314.410)
2013	100.352	-	-	-	-	(4.347)	-	-	-	-

*Dados deflacionados pelo IPCA (IBGE).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em CAGED/MTE.

No que diz respeito à massa salarial líquida (massa salarial dos admitidos menos a dos desligados) dos trabalhadores da indústria, os dados indicam perda líquida no primeiro trimestre de 2013, pouco mais de quatro milhões de reais (Tabela 4). Este é o sexto trimestre seguido em que há perda de massa salarial. Se quatro dos seis trimestres apresentaram valores positivos na criação de vagas, entende-se, portanto, que trabalhadores estão sendo contratados por salários menores do que aqueles dos desligados. Como aspecto positivo, nota-se que a perda de massa salarial entre janeiro e março de 2013 foi pequena se comparada aos cinco trimestres anteriores.

O movimento da geração de empregos industriais fica ainda mais claro ao se analisar o comportamento da média móvel

em 12 meses das contratações líquidas (Gráfico 2). Percebe-se um movimento intenso de recuperação da crise até julho de 2010, atingindo-se a criação média de 46 mil postos de trabalho ao mês. A partir de então, o que se observa é uma tendência de queda da média móvel das contratações líquidas de maneira persistente (com exceção de alguns curtos períodos com aumentos localizados) que perdura até o final de 2012, chegando à média de pouco mais de três mil vagas criadas por mês. Nos três primeiros meses de 2013, parece haver uma tendência de dinamização da geração de empregos, embora ainda muito mais tímida que a observada em 2010. Contudo, a evolução nos próximos meses será essencial para que se projete com maior clareza o comportamento da geração de empregos industriais.

Gráfico 2 – Média Móvel⁽¹⁾ da Contratação Líquida da Indústria Brasileira (jan./2010 a mar./2013) (em milhares de vagas)



(1) Média móvel em 12 meses.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em CAGED/MTE.

Na Tabela 5, pode-se observar a composição setorial da criação de vagas de emprego formal na indústria brasileira. Analisando o comportamento desta variável nos três primeiros meses de 2012 e 2013, percebe-se uma melhora do desempenho para a maior parte dos setores industriais no ano corrente. Liderou a criação de vagas no primeiro trimestre de 2013, o setor de fabricação de couro, artefatos de couro e calçados, responsável pela geração de um pouco mais de 20 mil vagas, mas também o setor fabricante de produtos do fumo, que criou 12,5 mil vagas. Ambos os setores haviam liderado a criação de vagas no primeiro trimestre de 2012.

Chamou atenção, principalmente, o desempenho de outros setores específicos, como o setor de confecção de artigos de vestuário e acessórios, que gerou 11,4 mil vagas de emprego e que havia criado pouco mais de três mil postos de trabalho no mesmo período em 2012 (Tabela 5). Outros dois setores de destaque foram: o de produção de veículos automotores (12,5 mil vagas no primeiro trimestre de 2013 contra somente 219 vagas no primeiro trimestre de 2012) e o de máquinas e equi-

pamentos (11 mil contra menos de cinco mil). Como tais setores apresentam grande importância para a indústria e a economia brasileira, seu bom desempenho é bastante relevante. Além disso, o aumento do emprego em máquinas e equipamentos pode significar uma expectativa de crescimento da demanda por bens de capital, que continue a incentivar a produção e o emprego setorial. No caso dos automóveis, incentivos fiscais e o novo regime automotivo têm estimulado a produção e o emprego doméstico. Também se destacou a fabricação de produtos de borracha e plástico gerando 8,6 mil vagas no primeiro trimestre de 2013 contra menos de três mil em igual período do ano anterior.

Os únicos setores que apresentaram perda de vagas foram a fabricação de produtos alimentícios e a fabricação de bebidas (Tabela 5). O primeiro havia apresentado perda significativa de quase 21 mil vagas de janeiro a março de 2012, ao que se somou uma perda também importante de 20,8 mil vagas de janeiro a março de 2013. O segundo manteve as perdas de vagas em torno de um pouco mais de 2 mil nos dois períodos analisados.

Tabela 5 – Criação de Vagas de Emprego por Setor Industrial no Primeiro Trimestre (2012 e 2013)

Setores	Criação de vagas (I/2012)	Criação de vagas (I/2013)
Extração de Carvão Mineral	107	159
Extração de Petróleo e Gás Natural	331	(21)
Extração de Minerais Metálicos	2.935	659
Extração de Minerais Não-Metálicos	854	369
Atividades de Apoio à Extração de Minerais	754	715
Fabricação de Produtos Alimentícios	(20.913)	(20.860)
Fabricação de Bebidas	(2.287)	(2.209)
Fabricação de Produtos do Fumo	9.935	12.525
Fabricação de Produtos Têxteis	3.310	6.335
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	3.281	11.483
Preparação de Couros e Fabricação de Artefatos de Couro e Calçados	17.137	20.438
Fabricação de Produtos de Madeira	(1.155)	(134)
Fabricação de Celulose, Papel e Produtos de Papel	(498)	1.615
Impressão e Reprodução de Gravações	(78)	(816)
Fabricação de Coque, de Produtos Derivados do Petróleo e de Biocombustíveis	5.802	6.416
Fabricação de Produtos Químicos	1.213	1.447
Fabricação de Produtos Farmoquímicos e Farmacêuticos	1.376	1.817
Fabricação de Produtos de Borracha e de Material Plástico	2.748	8.621
Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos	2.548	1.836
Metalurgia	1.069	2.627
Fabricação de Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	6.127	6.993
Fabricação de Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	(980)	2.285
Fabricação de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	3.100	3.643
Fabricação de Máquinas e Equipamentos	4.824	11.112
Fabricação de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	219	12.453
Fabricação de Outros Equipam. de Transporte, Exceto Veículos Automotores	1.563	2.599
Fabricação de Móveis	4.038	3.660
Fabricação de Produtos Diversos	2.074	1.969
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	4.308	2.616

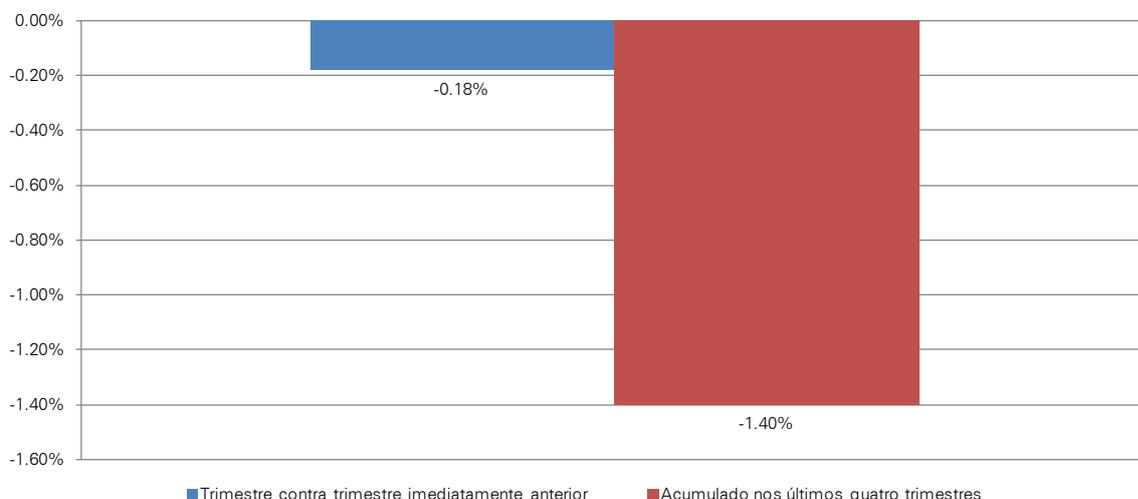
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em CAGED/MTE.

De maneira a complementar a análise do comportamento do emprego industrial no primeiro trimestre de 2013, os dados da Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e Salários (PIMES/IBGE)² mostram que, apesar da melhora observada a partir dos dados do CAGED, a geração de empregos na indústria brasileira ainda está longe de apresentar maior dinamismo. Consideran-

do o índice acumulado nos últimos quatro trimestres terminados em março de 2013, o valor ainda é negativo (-1,4%). Utilizando dados livres de influências sazonais, percebe-se que o desempenho do emprego industrial brasileiro apresentado no primeiro trimestre de 2013 foi ainda inferior se comparado ao trimestre imediatamente anterior (-0,18%) (Gráfico 3).

2. A PIMES/IBGE tem cobertura amostral, incluindo empresas com cinco funcionários ou mais, enquanto o CAGED/MTE apresenta os resultados de todas as empresas que realizaram contratação/desligamento de empregados formais no período pesquisado, tendo, assim, cobertura censitária. Portanto, podem-se encontrar tendências divergentes nas duas fontes de dados utilizadas, principalmente em setores com predomínio de pequenas e médias empresas.

Gráfico 3 – Variações do Emprego Industrial Brasileiro no Primeiro Trimestre de 2013 (em %)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em PIMES/IBGE.

Portanto, os dados referentes ao emprego na indústria brasileira indicaram uma melhora em relação ao primeiro trimestre de 2012. Contudo, tal melhora ainda é insuficiente para

compensar a forte desaceleração que se deu nos dois últimos anos, revelando os efeitos adversos do comportamento da produção sobre o emprego na atividade industrial.

1.4. Comércio Exterior Brasileiro

A balança comercial brasileira apresentou um déficit de US\$ 5,2 bilhões no primeiro trimestre de 2013 (FUNCEX), contribuindo para a ampliação do saldo negativo brasileiro em transações correntes, que superou o nível de 3% do PIB no acumulado em 12 meses até abril de 2013, o que não ocorria desde julho de 2002 (Banco Central do Brasil). Houve evidente reversão da trajetória positiva do comércio externo brasileiro ao longo dos últimos anos.

A transformação do superávit comercial alcançado no último trimestre de 2012 (US\$ 3,7 bilhões) em déficit comercial no primeiro trimestre de 2013 decorreu da superioridade da contração do valor das exportações (-18,0%) frente à retração do valor das importações (-3,9%) (Tabela 6). A contração marginal das exportações brasileiras do quarto trimestre de 2012 para o primeiro trimestre de 2013 deveu-se exclusivamente à significativa queda das quantidades exportadas (-19,4%) considerando a elevação dos preços dos produtos exportados (2,0%). A retração das importações brasileiras no mesmo período também decorreu exclusivamente da queda das quantidades importadas (-4,3%),

dado o aumento, mesmo que modesto, dos preços de importação (0,6%).

A comparação de dados comerciais do primeiro trimestre de 2013 com os do mesmo trimestre de 2012 permite afirmar que o surgimento do déficit comercial brasileiro foi consequência da combinação entre redução do valor das exportações (-7,7%) com aumento do valor das importações (6,3%) (Tabela 6). Para tal redução do valor das exportações contribuiu a queda tanto do volume exportado (-6,5%) quanto dos preços dos produtos exportados (-0,9%) no período analisado. Por sua vez, o aumento do valor das importações brasileiras (6,3%) foi provocado exclusivamente pelo crescimento do volume importado (8,1%) considerando a queda dos preços das importações (-1,5%) no mesmo período.

A falta de dinamismo dos mercados consumidores externos, a desaceleração das economias emergentes, como a China, acompanhados por crescente agressividade da concorrência internacional, configuram importantes elementos explicativos da deterioração recente do desempenho comercial brasileiro. O crescimento

econômico brasileiro no primeiro trimestre de 2013, principalmente frente ao primeiro trimestre de 2012, mesmo que em níveis ainda modestos, pode também estar associado ao comportamento marginal ascendente das importações nesse período. Ademais, não se pode negar a urgência do enfrentamento dos problemas de compe-

titividade apresentados por diversos setores industriais brasileiros, que vão além do comportamento recente da atividade econômica e do câmbio, que voltou a se valorizar no primeiro trimestre de 2012. Embora esse movimento de valorização no primeiro trimestre seja pontual, pode ter afetado os resultados do trimestre.

Tabela 6 – Taxas de Variação das Exportações e das Importações por Categoria de Uso (em %)

		I-2013 / IV-2012			I-2013 / I-2012		
		Valor	Preço	Quantum	Valor	Preço	Quantum
Exportações	Total	(18,0)	2,0	(19,4)	(7,7)	(0,9)	(6,5)
	Bens de Capital	(38,0)	(1,8)	(36,8)	(14,3)	(2,9)	(11,5)
	Intermediários	(13,5)	3,8	(16,4)	(1,5)	0,5	(1,8)
	Consumo Duráveis	(2,3)	(0,4)	(1,8)	1,8	2,0	(0,1)
	Consumo Não Duráveis	(9,0)	(0,5)	(8,5)	2,2	(2,1)	4,6
	Combustíveis	(40,6)	(2,4)	(39,1)	(44,8)	(6,9)	(40,8)
Importações	Total	(3,9)	0,6	(4,3)	6,3	(1,5)	8,1
	Bens de Capital	(4,4)	5,8	(9,8)	8,0	0,6	7,1
	Intermediários	(5,3)	0,1	(5,2)	3,4	(1,4)	5,1
	Consumo Duráveis	(26,2)	0,1	(26,2)	(23,0)	(0,5)	(22,5)
	Consumo Não Duráveis	(2,4)	(1,9)	(0,5)	5,1	(5,0)	10,8
	Combustíveis	8,5	(0,9)	9,0	27,6	(2,2)	30,4

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em FUNCEX.

Houve generalização do encolhimento das exportações brasileiras no primeiro trimestre de 2013 frente ao quarto trimestre de 2012 por todas as categorias de uso (Tabela 6). Contudo, tal desempenho negativo dos valores exportados foi especialmente influenciado pela redução das exportações de combustíveis (-40,6%) e de bens de capital (-38,0%), liderada pela contração de suas quantidades exportadas. Os bens intermediários constituíram a única categoria de uso que mostrou crescimento de preços de exportação (3,8%), sem conseguir, contudo, compensar a queda do volume exportado (-16,4%) e, conseqüentemente, do valor exportado (-13,5%) no mesmo período. O comportamento dos preços de exportação dos bens intermediários foi o exclusivo responsável pela elevação dos preços das exportações brasileiras em geral. Tal desempenho foi certamente influenciado pela dificuldade enfrentada por produtos intermediários brasileiros no mercado internacional fren-

te à desaceleração da demanda de mercados emergentes.

Os dados de exportação por categorias de uso do primeiro trimestre de 2013 frente a igual período de 2012 mostram, por sua vez, que o desempenho negativo dos valores das exportações brasileiras foi claramente afetado pela redução das vendas externas de combustíveis (-44,8%) e de bens de capital (-14,3%) e, em menor medida, de bens intermediários (-1,5%) (Tabela 6). Em todas as categorias de uso citadas, tal comportamento descendente foi liderado pela queda das quantidades exportadas, com menor participação da redução de preços, exceto no caso dos intermediários, que apresentaram ligeira elevação de preços de exportação no período. No caso dos bens de consumo (duráveis e não-duráveis), os valores das exportações marginais apresentaram modesta elevação (respectivamente, 1,8% e 2,2%). As exportações de bens duráveis se beneficiaram exclusivamente da recu-

peração dos preços de exportação (2,0%) e as exportações de bens não-duráveis da importante expansão das quantidades exportadas (4,6%) considerando a queda de seus preços externos (-2,1%). Portanto, somente os bens não-duráveis conseguiram expandir suas vendas externas, diferenciando-se das demais categorias de uso no período analisado.

Analisando o desempenho contracionista das importações por categorias de uso no primeiro trimestre de 2013 frente ao último trimestre de 2012, observou-se queda dos valores importados para quase todas as categorias, principalmente de bens de consumo duráveis (-26,2%), liderada pela contração das quantidades importadas. A única exceção ficou por conta do aumento das importações de combustíveis (8,5%), alavancadas pela expansão do volume importado em contexto de queda de preços (Tabela 6). Mesmo assim, como acima mencionado, a redução das compras externas foi menos acentuada do que a retração das exportações nesse período, que levaram ao déficit comercial brasileiro no primeiro trimestre do ano corrente comparado ao último trimestre do ano passado.

Cotejando o comportamento das importações brasileiras por categorias de uso do primeiro trimestre de 2013 com o do mesmo período de 2012, notou-se a generalização do crescimento dos valores importados por quase todas as categorias de uso, com exceção da redução observada para os bens de consumo duráveis (-23,0%). O aumento generalizado das importações foi especialmente alavancado pelas quantidades importadas. Destacaram-se os incrementos das quantidades importadas de combustíveis (30,4%), de bens não duráveis (10,8%) e de bens de capital (7,1%) (Tabela 6).

Como observado acima, o saldo negativo do comércio externo brasileiro no primeiro trimestre de 2013 pode ser explicado, em grande parte, pela queda das exportações e aumento das importações de combustíveis. Elevada influência teve a retração na produção de petróleo relacionada, entre outros aspectos, à manutenção de plataformas, assim como o aumento do consumo de petróleo para refino no Brasil. Muitas importações de petróleo e

derivados ocorridas no ano passado devem ainda provocar efeitos na balança comercial brasileira no segundo trimestre do ano, pois não ingressaram na conta do comércio exterior por conta de uma instrução normativa da Receita Federal que permitiu postergar a contabilização das importações de petróleo e derivados realizadas no ano passado (Resende e Marchesini, 2013). Dados recentes de abril de 2013 mostraram a forte queda das exportações de petróleo na comparação com o mesmo mês do ano passado, surpreendendo negativamente os analistas de comércio. Mesmo com as menores importações de petróleo, as compras dos demais combustíveis, como gasolina para consumo doméstico, por exemplo, acabaram gerando aumento das importações totais de combustíveis e lubrificantes no mês de abril de 2013 comparado a abril de 2012, continuando a afetar negativamente a balança comercial (Leo, 2013).

Portanto, os dados da balança comercial brasileira do primeiro trimestre de 2013 foram fortemente influenciados pela significativa queda das exportações acompanhada de pressão das importações, principalmente quando a base de referência se encontra no primeiro trimestre de 2012. Confirmou-se a persistência dos impactos negativos sobre o comércio externo brasileiro da dificuldade de recuperação das economias desenvolvidas e da desaceleração das economias emergentes, agravadas pela intensa concorrência internacional, em contexto de revalorização da moeda nacional.

Resumindo as informações contidas neste documento, mostrou-se que a economia brasileira apresentou modesto crescimento no primeiro trimestre de 2013, especialmente baseado no desempenho positivo da formação bruta de capital fixo em cenário de redução do dinamismo do consumo das famílias e do governo. Embora promissor, os investimentos ainda sofrem com as incertezas no mercado doméstico e internacional e devem ser acompanhados com atenção nos próximos períodos para avaliar a sustentabilidade do movimento de retomada. Com relação à produção física industrial, notou-se tímido crescimento ou mesmo contração para a maioria das categorias

de uso no primeiro trimestre de 2013, com a exceção da significativa elevação da produção de bens de capital na comparação tanto com o último quarto do ano passado quanto com o primeiro trimestre de 2012. Apesar do desempenho pouco favorável da produção em vários subsetores industriais, manteve-se aquecida a criação de emprego industrial no primeiro trimestre de 2013, mesmo acompanhada de perda de massa salarial. Uma das maiores dificuldades encontradas no primeiro trimestre do ano corrente esteve relacionada ao comportamento do comércio externo brasileiro. As exportações amargaram perdas e as importações pressionaram o resultado comercial em cenário de desaquecimento da demanda externa, de competição acirrada e de revalorização pontual da

taxa de câmbio.

A manutenção de um crescimento mais robusto da formação bruta de capital torna-se essencial para a reativação dos demais componentes da demanda agregada, assim como para a elevação da produtividade industrial e para o crescimento da atividade econômica brasileira. O conjunto de medidas de estímulo persistentemente adotadas pelo governo brasileiro têm criado oportunidades para o investimento privado, restando mostrar resultados mais concretos sobre a produção industrial e a economia brasileira. Levando em conta o atual debate em torno dos efeitos da deterioração da balança comercial sobre a produção industrial brasileira, esta questão será detalhada na próxima parte deste documento.

2. Notas acerca dos efeitos das importações sobre a produção industrial brasileira no período recente

A produção da indústria de transformação brasileira, como discutido, vem evoluindo a passos lentos no período recente. Depois de uma retomada rápida no imediato pós-crise internacional, a produção industrial vem encontrando dificuldades para retomar uma trajetória de crescimento mais robusta. Esta seção do Boletim busca analisar de maneira breve como esta trajetória da produção industrial está relacionada ao aumento das importações e à maior agressividade de competidores estrangeiros no mercado doméstico.

Um aspecto importante na análise diz respeito à evolução da demanda doméstica e do consumo das famílias, que se manteve em crescimento depois da fase aguda da crise internacional e, mais recentemente, vem mostrando sinais de arrefecimento. A expressão do consumo em termos de quantidade vendida pelo comércio varejista pode ser vista no Gráfico 1, assim como a evolução da quantidade produzida na indústria de transformação e do *quantum* importado pelo Brasil, entre 2005 e março de 2013 (segundo a média móvel em 12 meses dos índices de

quantidade, com base em 2004).

No período 2005-2008, verifica-se que a trajetória ascendente da demanda final no mercado brasileiro foi acompanhada de forma mais agressiva pelo fornecedor externo do que pela indústria local. No entanto, é possível destacar o fato de que a expansão das importações não ocorreu em detrimento da produção física industrial doméstica, que também registrou crescimento no período. Nota-se que a crise internacional, deflagrada com maior intensidade no último trimestre de 2008, interrompeu o ciclo ascendente com impactos muito mais claros no lado da oferta (produção) do que no da demanda (comércio varejista), desencadeando um importante ciclo de estoques. Nesse período, as importações caíram mais do que a produção física doméstica. O nível mais baixo da oferta, em termos da média móvel 12 meses, ocorreu em outubro de 2009 quando foi possível notar significativa queda na quantidade importada (-17,8%) e produzida (-10,5%) em relação a outubro de 2008.

Gráfico 1 – Evolução dos Índices de Quantidade: comércio varejista, produção física da indústria de transformação e importações (jan./2005 a mar./2013) (média móvel em 12 meses – 2004:100)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em PMC/IBGE, PIM-PF/IBGE e FUNCEX.

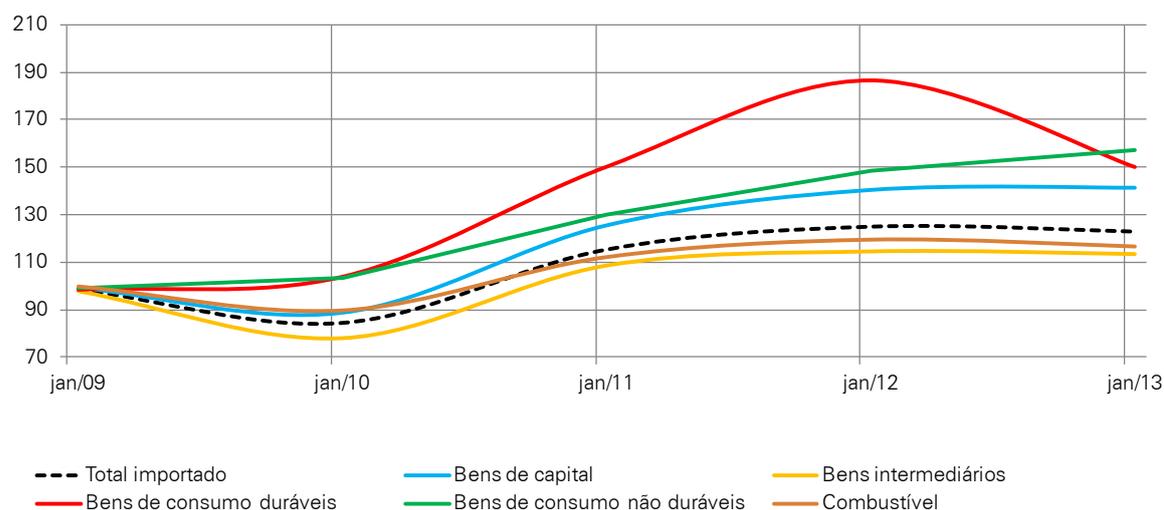
A recuperação foi relativamente rápida no início de 2010. No entanto, a continuidade da situação desfavorável nas economias centrais dissipou rapidamente as expectativas de que a superação da crise internacional seria acelerada, o que motivou a intensificação das disputas por mercados globais. Poucos mercados no mundo mantiveram demanda crescente, como foi o caso do Brasil, fato que se revela na continuidade do crescimento das vendas no varejo no período pós-crise.

Considerando as médias móveis, desde o final de 2009, as importações claramente ocuparam espaço da produção local. Enquanto as primeiras mantiveram trajetória ascendente de novembro de 2009 a janeiro de 2012, acumulando uma elevação de 52% em 27 meses (média de 1,6% ao mês), a produção física acumulou uma expansão de apenas 13% nos 16 meses de novembro de 2009 a fevereiro de 2011 (média de 0,8% ao mês), a partir de quando passou a apresentar estagnação. Por outro lado, houve queda de 2,9% na quantidade importada de janeiro a dezembro de 2012 (com recuo médio de -0,2%

ao mês, ao longo de 11 meses), seguida de pequena reação da quantidade importada a partir de janeiro até março de 2013, enquanto a quantidade produzida sofreu redução de 3,2% de fevereiro de 2011 a março de 2013 (com recuo médio de -0,1% ao mês, durante 26 meses). Ou seja, a importação tem se apropriado da demanda brasileira de forma mais eficiente do que a indústria local. No entanto, a própria importação mostrou fragilidade no período mais recente, reflexo da diminuição do crescimento do consumo, mas também do baixo ritmo de expansão industrial.

O desempenho mais fraco do *quantum* importado pode ser mais bem qualificado ao abrir o comportamento das importações por categorias de uso. Os dados do Gráfico 2 sugerem que a queda do *quantum* importado no período recente foi fortemente influenciada pela queda na compra externa de bens duráveis, que inclui a importação de carros de passageiros. A quantidade importada desses bens (com referência à média móvel 12 meses, com base em 2008) chegou a quase dobrar entre 2008 e fins de 2011, regredindo desde então.

Gráfico 2 – Quantidade Importada por Categoria de Uso (jan./2009 a mar./2013) (média móvel em 12 meses – 2008:100)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em FUNCEX.

A desaceleração do crescimento do volume importado de bens de capital e de bens intermediários começou a ocorrer no segundo semestre de 2011, antes mesmo da desaceleração da expansão da quan-

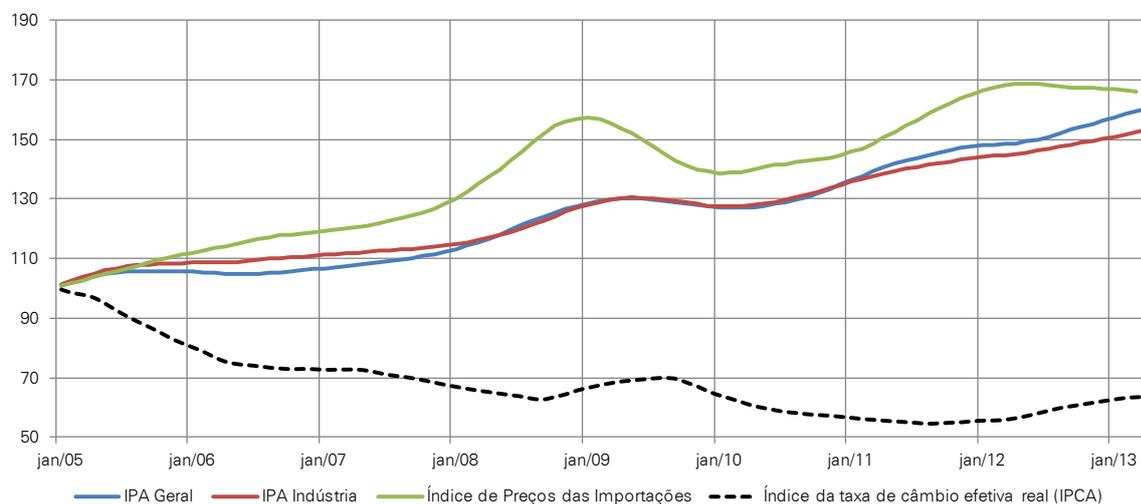
tidade importada de bens duráveis. Isto pode ser reflexo da própria perda de dinamismo da produção industrial doméstica. A importação de bens intermediários foi a que menos se expandiu no período. Por

sua vez, a importação de bens de consumo não duráveis, embora não tenha crescido de maneira tão exuberante quanto a de bens duráveis, tem mantido uma trajetória persistentemente ascendente, acumulando um crescimento de quase 60% entre a média de 2008 e de março de 2013. Nessa categoria de uso, estão justamente os setores intensivos em mão-de-obra, onde a concorrência asiática tem se mostrado mais agressiva.

Os Gráficos 3 e 4 apresentam a evolu-

ção dos Índices de Preços no Atacado praticados no Brasil (em geral e pela indústria, calculados pela FGV), das Importações (FUNCEX) e da Taxa de Câmbio Efetiva Real (BCB), segundo a média móvel em 12 meses (com base em 2004, no Gráfico 3, e com base em 2008, no Gráfico 4). É importante assinalar que, sendo o índice de preços das importações dado pelo preço médio dos produtos importados, ele também sofre influência de mudanças na cesta de bens importados não captadas na análise.

Gráfico 3 – Evolução do IPA Geral e da Indústria, do Índice de Preço das Importações Brasileiras e do Índice da Taxa de Câmbio Efetiva Real (IPCA) (jan./2005 a abr./2013) (média móvel em 12 meses – 2004:100)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em FGV, FUNCEX e BCB.

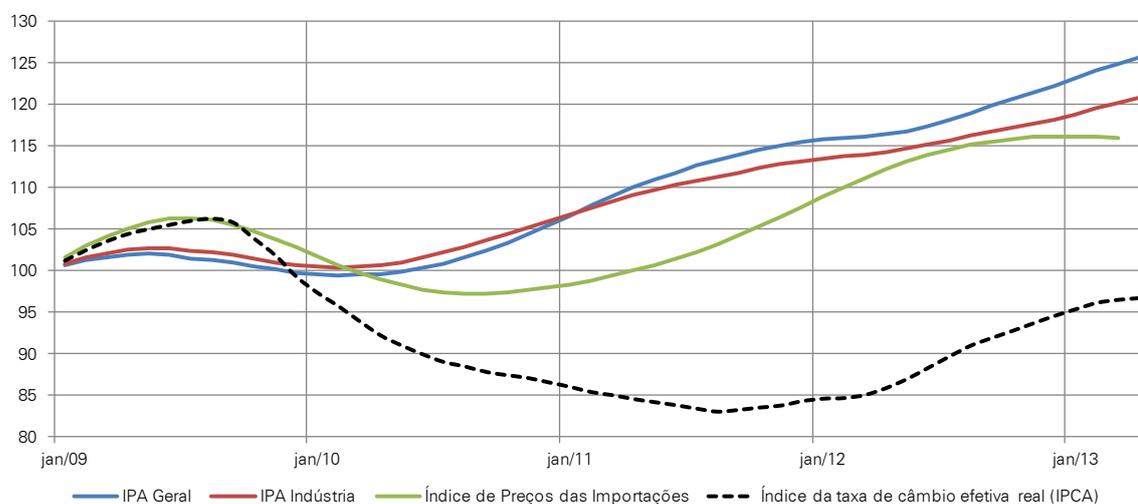
No Gráfico 3, observa-se que a elevação dos preços dos bens importados superou a dos bens comercializados internamente no período analisado, o que certamente foi compensado pela valorização do Real, representada pela queda no Índice da Taxa de Câmbio Efetiva Real, calculado pelo Banco Central Brasileiro (BCB). Da média dos preços praticados em 2004 até o pico em janeiro de 2009, o preço dos importados variou 57,2%, o dos produtos no atacado, 28,6%, e os praticados pela indústria brasileira, 28,0%. No mesmo período, a variação da Taxa de Câmbio Efetiva Real foi negativa em 33%, barateando os importados, na conversão para o Real.

É interessante notar ainda, no Gráfico 3, que os reajustes dos preços dos

bens industriais no Brasil superaram os dos demais segmentos no período 2004-2007. De 2011 em diante, os preços industriais passam a apresentar reajustes menores do que os dos outros segmentos – refletindo o possível acirramento da concorrência com os bens industrializados importados.

O Gráfico 4 ilustra a situação dos preços no período pós-crise. Mudando a base de comparação para o ano de 2008, observa-se que o índice de preços dos produtos importados manteve-se inferior à evolução dos preços praticados internamente a partir da recuperação de 2010 – o que pode explicar, em parte, o prolongamento do crescimento do *quantum* importado em 2011 (e a estagnação da produção física), evidenciado no Gráfico 1.

Gráfico 4 – Evolução do IPA Geral e da Indústria, do Índice de Preço das Importações Brasileiras e do Índice da Taxa de Câmbio Efetiva Real (IPCA) (jan./2009 a abr./2013) (média móvel em 12 meses – 2008:100)



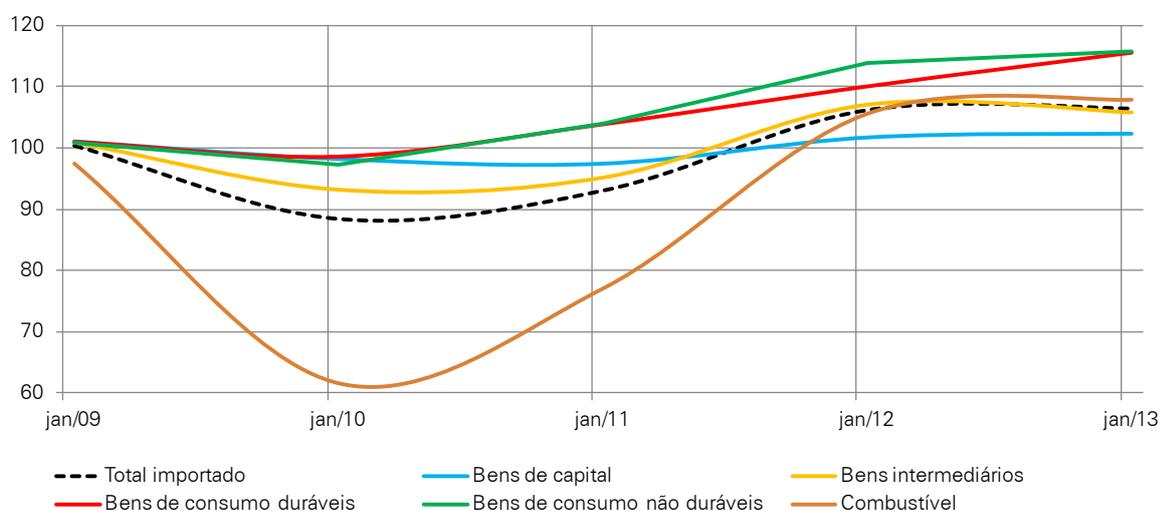
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em FGV, FUNCEX e BCB.

O movimento de queda dos preços dos importados se somou à reversão da desvalorização do Real observada no imediato pós-crise — dando larga vantagem de preço aos produtos trazidos do resto do mundo. Os preços em dólares dos bens importados caíram fortemente ao longo de 2010, tomando trajetória ascendente em 2011 e assim seguindo até meados de 2012, quando se estabilizaram, quase ao nível dos preços internos.

A recuperação dos preços em dólares das mercadorias importadas e o estancamento do processo de valorização do Real podem ter contribuído para a queda do *quantum* importado em 2012 (Gráfico 1). Isto ainda não se transformou em efetiva melhora do desempenho da indústria brasileira, mas poderá vir a fazê-lo.

Buscando qualificar a evolução dos preços dos produtos importados, o Gráfico 5 apresenta seu comportamento por categorias de uso, utilizando a média móvel em 12 meses (com base em 2008). Observa-se que parte importante da queda de preços dos produtos importados no pós-crise deveu-se ao recuo dos preços dos combustíveis, que já haviam se recuperado plenamente no segundo semestre de 2011. Verifica-se também que os preços dos bens de capital foram os que apresentaram menor variação no período. Por sua vez, os preços dos bens de consumo não duráveis, que sofreram grande pressão no período, têm se mantido estáveis desde meados de 2011, com reflexo na média móvel computada para o segundo semestre de 2012.

Gráfico 5 – Índice de Preço dos Produtos Importados por Categoria de Uso (jan./2009 a mar./2013) (média móvel em 12 meses – 2008:100)



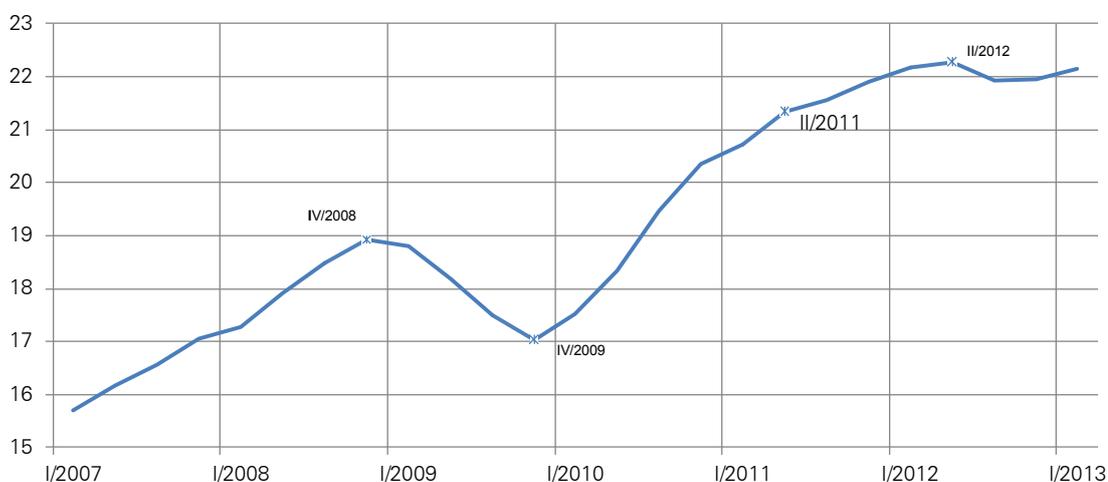
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em FUNCEX.

No Gráfico 6 são apresentados os dados de evolução do Coeficiente de Penetração de Importações, a preços constantes, para a indústria brasileira, estimados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). A entidade estima o coeficiente a partir de estatísticas de produção do IBGE e de comércio exterior da Secex/MDIC, em parceria com a FUNCEX, medindo a participação de bens importados no consumo doméstico (considerando-se tanto o consumo final quanto o consumo intermediário). Trata-se, portanto, de um indicador sintético dos dados acima explorados.

Observa-se, segundo os coeficientes estimados a preços constantes, que a trajetória de crescente participação das importações na satisfação do consumo doméstico foi interrompida pela crise, no

último trimestre de 2008, sendo retomada a partir do quarto trimestre de 2009, com recuo apenas nos dois últimos trimestres de 2012, e recentemente tornando a se elevar no primeiro trimestre de 2013. Entre o primeiro trimestre de 2007 e o último de 2008, a “penetração de importações” cresceu 3,2 pontos percentuais ou 0,46 pontos percentuais a cada trimestre, em média, durante sete trimestres consecutivos. Entre o quarto trimestre de 2009 e o último de 2011, o coeficiente cresceu 4,9 pontos percentuais ou 0,61 pontos percentuais a cada trimestre, em média, durante oito trimestres consecutivos; ou seja, o avanço das importações na oferta de bens industriais no período pós-crise foi ainda mais acentuado do que no período anterior.

Gráfico 6 – Coeficiente de Penetração de Importações (I/2007 a I/2013) (acumulado em quatro trimestres – em % – preços constantes de 2007)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em CNI.

Entre o último trimestre de 2011 e o segundo de 2012, há uma desaceleração do crescimento da penetração de importados, que reduz sua expansão para 0,19 pontos percentuais a cada trimestre (durante 2 trimestres). Em seguida, o coeficiente diminuiu no terceiro e se manteve estável no quarto trimestre de 2012, voltando a crescer no primeiro trimestre de 2013.

Os dados apontam para o fato de que no período recente, em especial a partir do início de 2012, a taxa de câmbio mais favorável tem reduzido o impacto da competição externa. Obviamente que, em ambiente de arrefecimento da demanda e estagnação da produção, as importações tendem naturalmente a apresentar menor

crescimento. A expectativa de uma taxa de câmbio mais favorável pode resultar em uma relação mais promissora, do que a verificada em 2010 e 2011, entre produção industrial doméstica e importações para os próximos períodos. Caso se confirme uma mudança no perfil da demanda, com maior peso dos investimentos e menor contribuição do consumo, é importante que se volte a ter uma articulação positiva entre demanda doméstica e produção industrial interna, para a qual a taxa de câmbio certamente exercerá papel central. A política industrial será também fundamental para evitar maior descolamento entre demanda doméstica e produção industrial.

Referências Bibliográficas e Fontes de Informações

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (ABDI)/NÚCLEO DE ECONOMIA INDUSTRIAL E DA TECNOLOGIA (NEIT)/Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). **Boletim de Conjuntura Industrial**. Setembro de 2012, Dezembro de 2012 e Março de 2013.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Indicadores Econômicos Consolidados. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/?INDECO>. Acesso em: 06 de junho de 2013.

FEDERAÇÃO NACIONAL DA DISTRIBUIÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES (FENABRAVE). Informativos. Abril e Maio de 2013.

FUNDAÇÃO CENTRO DE ESTUDOS PARA O COMÉRCIO EXTERIOR (FUNCEX). **Boletim de Comércio Exterior**. Vários números.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física** (PIM-PF).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sistema de Contas Nacionais**. Contas Trimestrais.

LEO, Sergio. Queda nas vendas de petróleo surpreendeu “até os pessimistas”. **Valor Econômico**, 3-5 de maio de 2013.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Estatísticas de Comércio Exterior**. Vários anos.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados** (CAGED).

RESENDE, Thiago e MARCHESINI, Lucas. Balança tem déficit recorde no quadrimestre. **Valor Econômico**, 3-5 de maio de 2013.

SARAIVA, A. IBGE: safra brasileira de grãos deverá crescer 14,2% em 2013. **Valor Econômico**, 09/05/2013. Disponível em: <http://www.valor.com.br/agro/3117156/ibge-safra-brasileira-de-graos-devera-crescer-142-em-2013>. Acessado em: 31 de maio de 2013.

SOJA: Preços seguem elevados mesmo com safra brasileira recorde. **Notícias Agrícolas**, 27/05/2013. Disponível em: <http://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/soja/122901-soja-precos-seguem-elevados-mesmo-com-safra-brasileira-recorde.html#.Uaju1kCTiSo>. Acessado em: 31 de maio de 2013.

